

# PEDAGOGIA SOCIAL COMO ANTIDESTINO

MARGARETHMARTINS DE ARAÚJO \*

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE

**RESUMO:** O presente artigo trata da Pedagogia Social como ajuda humanitária pedagógica, como antidestino. Desse modo, cuida do socorro aos excluídos da nação, porque foram apartados em tenra idade das salas de aula. Por isso, torna-se imprescindível refletir acerca do eixo educação-pobreza, sendo fundamental abordar, de forma teórico-prática, as alternativas de superação, bem como os desafios oriundos do cotidiano. Em suma, objetiva-se indicar a relação da educação dos sentimentos em diálogo com a educação do intelecto, propondo-se, especialmente, uma nova agenda pedagógica compartilhada com as demais ciências.

**Palavras-chave:** Educação, Pedagogia Social, Formação de Educadores

## FAÇA AQUI O SEU CHECK IN

Minha segurança se funda na convicção, de que sei algo e de que ignoro algo a que se junta a certeza de que posso saber melhor o que já sei e conhecer o que ainda não sei. Minha segurança se alicerça no saber confirmado pela própria experiência de que, se minha inconclusão, de que sou consciente, atesta, de um lado, minha ignorância, me abre, de outro, o caminho para conhecer. (Paulo Freire)

O presente artigo nasce da contribuição dialógica entre a Pedagogia Social e o Sistema Socioeducativo. Tem por objetivo proporcionar reflexões, que se transformem em práticas, sobre possíveis subsídios ao trabalho do educador social que atua em Sistema de Garantias de Direitos. Falo como, estrangeira que sou em uma terra que não é a minha e, por este motivo, me dou o direito de permanecer confortável ao falar a partir de onde meus pés flutuam: a formação de educadores sociais. O termo flutuar em lugar de pisar já denota que, a caminhada precisa ser leve. É possível conjecturar: como

transformar leve aquilo que é pesado? Subtraindo a massa, eu diria. Não obstante, outra pergunta surge: Como subtrair essa massa? Respondendo a pergunta com outra pergunta... Qual massa?

Segundo a mecânica newtoniana a massa é uma grandeza física fundamental, que proporciona a medida da inércia ou da resistência de um corpo, a fim de ter seu movimento acelerado. Ela também é a origem da força gravitacional, atuante sobre os corpos no Universo. Ainda, tomando de empréstimo o conceito é possível afirmar que a Pedagogia Social insiste em dar movimento ao que resiste ficar inerte ou ainda trabalhar na contramão das forças produtoras da inércia presente nos sujeitos em situação de vulnerabilidades. Trabalhamos com uma grandeza física fundamental que põe em pé o ser humano compreendido em devir. Nada está pronto ou acabado, tudo está em movimento e, portanto, possível de ser melhorado, superado, reinventado.

Pedagogia Social como antidesestino nos leva a pensar em destino como: sina, sorte, fatalidade, fado, estrela, dita, fortuna, acaso, ventura, fadário, quinhão. Direção a seguir: Direção, rumo, caminho, rota, orientação, curso, trilho, tramontana, meta. Em rota de colisão com um futuro indesejado resta-nos corrigir a rota, certo? Dentro desta perspectiva a pedagogia como correção de rota também se aplica.

Convido a todos para uma viagem ao encantador e desafiador universo da Pedagogia Social. A pedagogia teimosamente humanizada, produtora de seres reinventados, construída a partir do sofrimento humano, e inspirada nos princípios da epistemologia do ser. A Pedagogia Social é a pedagogia da emancipação humana. Sugerimos para essa viagem que usem as lentes da emoção e o seu passaporte será a sua disponibilidade de abertura para o outro em seus contextos de emergências. Ah! Antes que eu esqueça: usem roupas leves, pois a leveza do ser é o que mais conta durante esta viagem. A nave da sua formação será tripulada por você e alertamos que a responsabilidade é grande. Antes de retornarem solicito que avaliem o nosso trabalho respondendo, especialmente, sobre a importância do visto para a sua emancipação, não apenas profissional, mas humana.

**BOA VIAGEM**

Desse modo, o século XX viveu sob o domínio da pseudo-racionalidade que presumia ser a única racionalidade, mas atrofiou a compreensão, a reflexão e a visão em longo prazo. Sua insuficiência para lidar com os problemas mais graves constituiu um dos mais graves problemas para a humanidade. (Edgar Morin)

A Pedagogia Social dialoga intimamente com a ecologia humana. Lança mão inclusive deste conceito para ampliar suas reflexões acerca da convivência entre os seres humanos marcados através do constante apelo de humanizar-se. Quanto mais povoamos este planeta, mais desafiadora se torna a convivência em suas múltiplas e complexas faces. A ciência que nos (de)formou nos trouxe até aqui apartados da nossa humanidade. Em nome dela edificamos o mundo em que vivemos, apartamos de nós mesmos e dos outros. Em nome dela e por ela nos separamos de nós, dos outros e do planeta.

Como consequência foram criados desafios que a própria ciência não consegue dar conta, pois sua epistemologia a aprisiona impedindo um olhar além das fronteiras do conhecimento que a constitui. Por desconsiderar tudo o que foge ao seu recorte temático, político e ideológico, adquiriu, segundo Morin (2000), certa *insuficiência para lidar com os problemas mais graves*: seu próprio fruto. Nossa pedagogia aposta na teoria dos três As: havendo aceitação e acolhimento, haverá aprendizagem. (MARTINS, 2015, p. 22)

Nossa viagem é exatamente um convite, a fim de alçar voo para além das grades, das amarras da formação da formação humana, permitindo olhar para o proibido, para o não dito, para o interdito. Certamente a ousadia será uma constante companheira de viagem, pois cometer-se a Pedagogia Social na formação permanente de educadores, em países ditos “em desenvolvimento”, é seguramente, lidar com um grave problema social.

A Pedagogia Social, na contramão do instituído, ousa cometer uma educação que valoriza a existência humana, a convivência, a educação para a paz, entre outros princípios esquecidos pela ciência que, ao abraçar a pseudo racionalidade, os abandona. Ao abandoná-los provoca uma educação que agrupa, classifica, doméstica e exclui pessoas, seres humanos com futuro comprometido, limitado e fadado ao fracasso.

Por compreender o planeta como a maior escola de desenvolvimento humano e o homem como um eterno aprendiz, a Pedagogia Social aposta na educação dos sentimentos, das relações e das potencialidades em diálogo com a possibilidade de educar a natureza interna e externa a ele. Diálogo e estudos, sobre o viver coletivo, viver com (con)vivência, se fazem necessário. A Pedagogia Social acolhe os excluídos, da educação e da vida.

A resolução de questões desafiadoras nasce com o próprio problema, a desafiar o educador social a assumir uma postura investigativa sobre os acontecimentos que envolvem os sujeitos, atores sociais do seu fazer pedagógico. Não existem soluções prontas, o que existe é a superação a partir da pesquisa-ação, estudo e boa dose de coragem. A Pedagogia Social compreende os problemas como questões desafiadoras e oportunidades. A prática é pedagógica, sendo preciso, portanto, pesquisá-la, teorizá-la e se permitir com ela aprender. A metodologia aplicada é a educação pelo exemplo. O paradigma que a rege é o da compreensão, e não o do julgamento.

Importa observar que, independente da configuração familiar, ao nascer uma criança, nasce também um pai, o primeiro educador social; uma mãe, a primeira educadora social e uma família, a primeira escola social de um ser. Aqui, a educação pelo exemplo, se apresenta mais uma vez como metodologia. Sempre haverá espaço para ocupação desses papéis e atividades. Os valores a serem passados de uma geração para a outra, residem, em grande parte, nas mãos de sujeitos e dependem da metodologia de educar pelo exemplo. Nosso lema é humanizar-se para humanizar. A destruição do processo sinalizado aponta para a destruição da sociedade.

A presença de um educador social no mundo, como nele me movo, com práticas dialógicas, interativas de locução e interlocução, interativa de cuidado e comunhão, ser um com o outro, estar ao lado do outro, e não contra ele. É não ser neutro, significa colocar-se a serviço do outro... Eis o nosso maior desafio!

Alguns aportes teóricos sobre a compreensão do homem em devir, autor e coautor de sua própria história, réu e juiz de si, produzem visões diferenciadas, das que vimos até então. Não se trata de vítimas, mas de seres em evolução e, por este motivo, concordamos com Paulo Freire (2000, p.20 ) ao dizer: Eu sou um intelectual que não tem medo de ser amoroso. Amo as gentes e amo o mundo. E é porque amo as pessoas e amo o mundo que eu brigo para que a justiça social se implante antes da caridade.

A tomada de consciência do inacabamento do ser também aponta para Freire (2000, p. 35 ): Gosto de ser gente porque, inacabado, sei que sou um ser condicionado, mas consciente do inacabamento, sei que posso ir mais além dele. Esta é a diferença profunda entre o ser condicionado e o ser determinado. Justo o devir e a consciência do inacabamento que, de mãos dadas, fortalecem a ação do pedagogo social. Tudo existe em movimento. Nada está pronto ou acabado e, por isso, sempre haverá possibilidade e oportunidade para a superação. O educador social traz a compreensão da aceitação da necessidade de trabalhar em contextos de emergências para reprogramar a existência. Falamos da Pedagogia Social como antidesestino, capaz de tocar almas e transformar vidas. Reprogramar existências. Trata-se de um processo que atinge a todos... Ninguém é imune a ele.

O trabalho da Pedagogia Social em contextos de vulnerabilidades permite aos atores sociais, que nela atuam aprender com os erros, ao tornarem-se reflexivos, sobre o vivido. A reflexão é uma importante chave, dá acesso a possibilidades múltiplas de análise, estudo de casos e planejamentos de ação. Todo o trabalho a ser desenvolvido depende do chamado por Freire (1990, p. ), de ARARA – Ação, reflexão, ação; método de análise da realidade. Cada situação novas aprendizagens, cada contexto um texto, cada ator uma história de vida a ser compartilhada, respeitada e acolhida. Uma viagem ao universo do outro exige preparo intelectual ético e pedagógico.

Durante esta viagem é preciso aceitação do outro em sua legitimidade. Buscar não desenvolver juízo de valor e perceber por onde é possível ajudar. Ajudar não fazendo pelo outro, mas com ele descobrir caminhos. Durante o processo o deixar-se afetar pelo outro, estar por inteiro na situação abordada, e não de forma burocrática e protocolar, faz toda a diferença. Atenção concentrada na singularidade de cada pessoa muito importa em contextos de flagelo humano, pois a identidade de cada um, ao se entrelaçar com as demais, apontará para um coletivo que, embora unidos pelo sofrimento, são legitimados pela existência.

Conviver com as diferenças traduz-se em um dos maiores desafios da Pedagogia Social. É na diferença que também se constrói a alteridade através do abraçar causas pessoais e priorizar valores. Na e com a diferença caminhos ainda não percorridos são abertos, aprende-se mais sobre si e sobre os outros. A convivência aliada à experiência que dela se produz tem levado aos estudos da Pedagogia Social

uma dimensão cotidiana de fatos e acontecimentos que enriquecem e aprofundam o fazer e o pensar de educadores sociais no mundo inteiro e, em especial, no Brasil.

## **FAÇA AQUI O SEU CHECK - OUT**

Trata-se de entender o pensamento que separa e que reduz, no lugar do pensamento que distingue e une. Não se trata de abandonar o conhecimento das partes pelo conhecimento das totalidades, nem da análise pela síntese; é preciso conjuga-las. (Edgar MORIN)

Compreender a Pedagogia Social como ajuda humanitário-pedagógica proporciona a mudança de paradigma, sendo possível percebê-la, antes de tudo, como um trabalho voltado aos vulneráveis. Observem os dados trazidos pelo Estadão em maio de 2003 que, fazem parte do Atlas da Exclusão Social no Brasil - volume 2, realizado por uma equipe de pesquisadores da USP, Unicamp, PUC-SP, sob a coordenação do economista e secretário municipal do Trabalho de São Paulo, Márcio Pochmann:

Após um período recente de melhora - de 1960 a 1980 -, a taxa de exclusão social no Brasil voltaram a crescer entre 1980 e 2000. E, aliada à "velha" exclusão, decorrente basicamente da falta de escolaridade e analfabetismo, que não foi sanada, pioraram os indicadores que levam à "nova" exclusão, em especial o desemprego e a violência. (...) De acordo com o Atlas, que compara os dados dos últimos 40 anos, a porcentagem de excluídos no Brasil na década de 1960 era de 49,3%, para uma população de 69,7 milhões de habitantes. Vinte anos depois, com 120 milhões de habitantes, o índice de excluídos caiu para 42,6%, para depois voltar a subir, no ano 2000, para 47,3%, com 170 milhões de habitantes. A regressão se deve a situações novas e que não eram conhecidas na dimensão atual: os aumentos do desemprego e da violência. "Esses dois elementos ajudaram a tornar o país mais desigual, mais excluído. (...) No caso da escolaridade, por exemplo, o máximo que temos é seis anos de estudo. No Japão, no início dos anos 90, o operário chão de fábrica, com menor grau de escolaridade tem no mínimo 9 anos de estudo.

Com o passar dos anos, a crescente falta de investimentos no setor educacional e políticas públicas educacionais, voltadas para interesses, que não o de educar crianças e jovens em nosso país, tornou-se possível perceber o estado alarmante no qual o Brasil se encontra. Um país que não se pensa, não legisla para o coletivo, se privatiza os bens

públicos, desconsidera o seu povo e está jogado nas mãos do terrorismo e do banditismo, não pode realmente preocupar-se com os excluídos, porque os promove.

É possível afirmar que a Pedagogia Social é parte de um processo de inclusão, através do qual todos são capazes, todos podem. Cada uma a sua maneira, no seu tempo, mas todos são capazes. Falamos sobre um trabalho de respeito ao próximo, no qual a competição, diferente do estimulado pelo sistema capitalista, é interna, e não externa.

Como diz Carl Gustav Jung (ANO 2013, p.32): *Aquele que olha para fora sonha. Mas o que olha para dentro acorda.* Eis um fato que coloca de ponta-cabeça um exercício de segregação humana que perdura ao longo dos séculos, cabendo ao educador social ser o texto no próprio contexto.

Fica o apelo para o trabalho com várias lógicas, com os múltiplos e complexos saberes e o exercício permanente, por parte do pedagogo social, de eterno aprendiz. Observem o testemunho de José Luís pedagogo social há dez anos:

Aprendo muito no meu trabalho. Às vezes, quando uma situação acontece, sinto que não tenho nenhuma resposta de imediato... Preciso pensar para agir melhor. É exatamente quando entro em diálogo com as pessoas, começo a ouvi-las, tentado achar um caminho. Quando menos espero percebo que o fato de as pessoas pensarem diferentes de mim não significa que sejam inferiores ou piores do que eu... Elas são apenas diferentes, portadoras de experiências diferentes, com vidas diferentes. Isso faz toda a diferença. (Apontamentos de campo, 30/07/2017)

O educador social José Luís representa o pensar e o agir de muitos. Trabalhar com Pedagogia Social, independente do local de atuação, requer sensibilidade, escuta atenta e abertura ao diálogo. Requer amorosidade, humanidade e gentileza. Uma condição humana de abertura para os desafios trazidos pelo outro e, não menos importante que as demais, conhecimento político e teórico que embasem a interpretação do fato ocorrido.

Exige também a percepção necessária para recomeçar um processo, quando não conseguir êxito no caminho anterior. Recomeçar levando consigo os acertos obtidos e aceitando o desafio novos rumos. Com a Pedagogia Social aprendemos que as pistas estão escritas no real, cabendo ao educador social desvendá-la. Trata-se de um exercício permanente que, com o passar do tempo, acaba sendo incorporado nas ações cotidianas do educador social de forma orgânica. Constrói “estratégias e táticas” (Certeau, 2008), tecem formas de trabalhar, maneiras de estar ligado aos princípios teóricos que ele acredita como mais eficazes em seu trabalho.

Aprender com os erros, se constitui em um importante instrumento de aprendizado para o educador social que, além de compreender-se em processo, afirma essa compreensão em relação às outras pessoas, as instituições e os fatos; portanto, a cada movimento realizado cabe uma avaliação. A cada avaliação cabe um replanejamento, sendo possível um novo começo. O pedagogo social precisa ser um teórico-prático, um profissional que põe, em cada ação, em diálogo a teoria e a prática.

Eis um aprendizado que precisa perpassar corpo e mente. Que transcende o intelecto, em um apelo permanente ao devir humano. O trabalho com várias lógicas pressupõe o cuidado essencial e necessário ao longo do exercício da Pedagogia Social. Trata-se da preparação de todo o processo. Este, além de curativo, é, acima de tudo, preventivo. Perpassa todas as instancias da existência humana e, não é tarefa para poucos.

A Pedagogia Social é tarefa plural, coletiva e de múltiplas frentes. Necessita do outro, do grupo, do todo. É comunhão, é partilha, união e ligação. É contramão, subversão e prevenção. É um fazer pedagógico que só se encontra na multiplicidade, na complexidade e na humildade. Quanto mais humilde for o educador social, maiores serão suas possibilidades de ação. É estar ao lado do outro, e não contra o outro. É comungar interesses, realizações em conjunto, harmonia no modo de pensar, agir, fazer. É identificação, pertencimento e renascimento.

Hoje é possível afirmar que o mundo precisa de um educador social que trabalhe com as mãos, o intelecto e o coração. Que remova a terra e liberando a mente. Seja capaz de enxergar sentido onde ninguém enxerga e que este fato sirva de estímulo para continuar. Que seja pesquisador de sua própria prática. Uma prática que seja provocativa, audaciosa, emancipatória e produtora de vida.

É possível afirmar que o educador que se identifica e se predispõe a trabalhar no binômio educação-pobreza, se constitui em um educador social. A opção pelos vulneráveis nos constitui. Alinha nosso pensar-fazer as demandas oriundas desta opção e nos indica o caminho a ser percorrido. De certo, sofreremos os mesmos processos de exclusão a que nossos educandos estão expostos, sentiremos na pele a rejeição e a dor dos que sofrem vitimados por um sistema educacional excludente, seletivo e classificador. Tenhamos consciência disso ou não, nosso saber fazer se corporifica ao atuarmos neste viés e nos comprometermos a dialogar, cada vez mais, com as possibilidades dos considerados impossíveis.

Eis um dos maiores desafios a ser enfrentado pelos educadores sociais, ver possibilidade onde todos veem impossibilidade, enxergar potência onde enxergam impotência, possibilidades na impossibilidade, motivo onde encontram recusa, aceitação onde encontram exclusão.

Onde a Pedagogia Tradicional para, a Pedagogia Social avança onde há limites, enxergamos possibilidades, onde há fim é o nosso começo, onde há cansaço, renovadas forças encontramos. Nós da Pedagogia Social somos assim, insistimos quando todos desistem, valoramos os não valorados e optamos pela vida escolar no lugar da morte. Lutamos pela realização de um processo educacional ético, humanizado e socialmente correto. Nosso lema é educar a todos e a cada um. Experimentamos na prática a filosofia contida no filme “Nenhum a menos”.

Crianças e jovens em situação de vulnerabilidade também ensina sobre liberdade e poesia, basta nos permitir, com elas aprender, sobre suas vidas, histórias e memórias. Como uma bússola a nos conduzir indica o melhor caminho a ser percorrido pelos educadores que, com sensibilidade, sabedoria e conhecimento, media a relação que se estabelece durante o processo de intelegir o mundo.

Onde há falta, como desculpa, apresentamos, por isto mesmo, um motivo para trabalhar. Aquilo que interdita, nos liberta, onde há empecilho encontramos possibilidades, onde há queixas encontramos razões, onde há desesperança, encontramos alternativas de superação.

Nesse sentido, Boaventura de Souza Santos (2008) afirma:

A nudez total, que será sempre a de quem se vê, resultará das configurações de analogias que soubermos imaginar: afinal o jogo pressupõe palco, o palco exercita-se com um texto, e o texto é autobiografia do seu autor. Quando estas intextualidades se tornam auto-reflexivas e conscientes de que constituem relações ou processos sociais “cristalizados” através dos quais se nega a alguns indivíduos ou grupos sociais a peça, o palco e o texto, ou através dos quais eles são silenciados pela força – podem então transformar-se em projetos locais emancipatórios de um conhecimento pós-moderno indivisivo. (p.96)

É através da esperança, aquela esperança oriental, a qual não se espera passivamente, mas age e faz acontecer, o autor sinaliza os projetos que visam a emancipação dos sujeitos a partir do desvelamento da realidade, projetos esses que surgem onde não se espera, em locais não muito visíveis ou considerados.

Sempre há um jeito de exercer a Pedagogia social em espaços de sofrimento humano. Sentimo-nos particularmente fascinadas pelo desafio de atuar onde e quando não há saída. Abrimos portas, construímos pontes e asas voadoras capazes de superar a interdição.

Acreditamos na Pedagogia social como movimento pedagógico, capaz de seduzir educadores ao desafio da mais fascinante tarefa: educar os pequeninos em meio a vulnerabilidades. Essa é a nossa marca, ela nos forja de forma indelével e nos torna capazes de conquistar o impensado. Eis um dos maiores aprendizados adquiridos nos contextos de emergências: reinventarmos a cada dia, tirar do nada o infinito.

Acreditamos que um dia, quem sabe, poderemos ver uma escola mais incluyente, na qual todos possam ter voz e vez. Uma escola onde a participação de todos seja bem-vinda e, acima de tudo, considerada. Essa escola já está em vias de existir, dentro de cada educador que acredita ser capaz de construir uma escola viva e com vida.

Nossa lógica é a da inclusão e o nosso fazer comprometido com a ética humanizadora, das ações pedagógicas, voltadas para a formação de crianças e jovens. Acreditamos que somos capazes de nos superar a cada dia e na afirmação de que outra escola é possível.

É com atitudes pedagógicas, competência profissional, compromisso político e ética existencial que nos lançamos na aventura de propor a Pedagogia Social como cultura pedagógica, como um movimento educacional capaz de propor alternativas de superação para o quadro atual.

Nosso desafio é olhar para o lado bom da vida, pensar certo e fazer corretamente o nosso trabalho junto aos infantes e suas respectivas famílias, sem perder de vista a possibilidade de esta permanente mente aprendendo uns com os outros. A cada novo desafio uma aprendizagem, a cada aprendizagem novas formas de fazer o que já sabemos.

Ressaltamos, ainda, a sensibilidade a ser desenvolvida e refinada por cada educador social em busca do desenvolvimento do seu trabalho. A sensibilidade exige uma escuta refinada e abertura para o deixar-se afetar pelo outro. Deixar-se afetar por suas histórias, condições de vida e, em especial, por sua condição de educando, como partícipe de um processo cujo educador social coordena.

O pedagogo social ao propiciar a narrativa nos remete aos ensinamentos de suas narrativas, nos termos de Walter Benjamin (1987), ao se referir ao terceiro artífice que é aquele que aperfeiçoou a narrativa associando os saberes das terras distantes trazidos pelos marinheiros e os saberes do passado recolhidos pelo camponês no seu trabalho nas corporações de ofício:

Na realidade, esses dois estilos de vida produziram de certo modo suas respectivas famílias de narradores. Cada uma delas, conservou no decorrer dos séculos, suas características próprias (...) Se os camponeses e os marujos foram os primeiros mestres na arte de narrar, foram os artífices que a aperfeiçoaram. No sistema corporativo associava-se o saber das terras distantes, trazido para casa pelos migrantes, com a saber do passado, recolhido pelo trabalhador sedentário. (p.198-199)

A sensibilidade funciona para o educador social como chave de acesso a espaços emocionais e intelectuais capazes de serem abertos apenas por quem detém a chave: o educando. Tais espaços são abertos apenas por dentro e, para que isso ocorra, é necessária a autorização por parte do detentor da chave. Aqui é preciso estar atento aos movimentos, a cada gesto ou palavras ditas ao acaso, quase balbuciadas. Fatos que isolados podem não fazer sentido para o educador, mas que atento, possibilitará interpretações capazes de auxiliar na compreensão do educando em relação ao ensinado, vivenciado, assistido.

Eis a Pedagogia Social como antidesestino... Uma pedagogia inconformada, irreverente, politizada, emancipada e lutadora. Uma pedagogia do acesso, da brandura e

da ternura. Uma pedagogia que emociona, toca o coração e realiza o impensado. Uma pedagogia sensível capaz de resgatar a essência humana que existe em nós.

Chega ao final a nossa viagem. O destino é o encantador e desafiador universo da Pedagogia Social. É com Cora Coralina que chegamos na confiança de dialogar – como nos informa a física quântica – com o passado, presente e futuro. Cada ser humano guarda em si o todo, as partes, conteúdo, forma, realidade e sonho...

Quando escrevo, escrevo por um impulso interior que me vem do insondável que cada um de nós traz consigo. Mas uma coisa eu digo a você: ontem nós falamos nas pessoas que ainda estão voltadas para o passado. [...] E eu digo a você: não há ninguém que não faça sua volta ao passado ao escrever. Nós todos fazemos. Nós todos pertencemos ao passado. Todos nós... (Cora Coralina)

## **BIBLIOGRAFIA**

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 2008.

BENJAMIN, Walter. O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura (Obras escolhidas v. 1)*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987. p. 197-221.

SANTOS, Boaventura de Souza. *Renovar a teoria crítica e reinventar a emancipação social*. São Paulo: Boitempo, 2007.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2000.

\_\_\_\_\_. *Pedagogia do Oprimido*. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

JUNG, Carl. G. *O Livro Vermelho*. São Paulo. Editora Vozes, 2003.

MARTINS, Margareth. *Pedagogia Social: Diálogos com crianças trabalhadoras*. São Paulo: Editora Expressão e Arte, 2015.

MORIN, Edgar. *Sete saberes Necessários à Educação do Futuro*. São Paulo: Editora Cortez, 2000.

\_\_\_\_\_. *Introdução ao Pensamento Complexo*. Lisboa: Instituto Piaget, 2006.

POCHMANN, Márcio. *Pesquisa mostra aumento do índice de exclusão social no Brasil*. Disponível em: < <http://politica.estadao.com.br/noticias/geral,pesquisa-mostra-aumento-do-indice-de-exclusao-social-no-brasil,20030520p35347> >. Acesso em 28 dez 2017.